



Fundação Cuidar o Futuro

Presença

presença

JANEIRO DE 1961

Redacção: Av. Duque de Loulé, 90 r/c D.
LISBOA

EDITADA PELA J.U.C.F.
FILIADA NA PAX ROMANA

sumário



esperança e angústia

Natália Hasse Fernandes

nota litúrgica

C. C.

valores e limites da sociologia religiosa

Pelo Pe. Manuel Falcão

II inquérito aos universitários

Idalina Neves de Sousa

Deus olhou a humildade de sua serva...

Louis Lochete

as fraternidades seculares

«Carlos de Jesus»

Margarida Maria

e José Luís Tello Rosquillo

semana de formação missionária

creio na ressurreição dos corpos...

com quem faremos a unidade

Pe. Dr. António Ribeiro

informação religiosa: revistas

Bertina Silva Araújo

um autor de hoje

Maria Isabel Mendonça Soares

ficheiro bibliográfico

Fundação Cuidar o Futuro



AC



esperança e angústia

Contra a esperança está a angústia. Como contra a humildade está o desespero. Quanto mais humildes na aceitação de nós mesmos e do imenso Dom de Deus que é verdade de cada instante, tanto menos angústia, tanto mais esperança.

Talvez esperança seja a denominação humana para a alegria. Esta é demasiado pura, demasiado eterna para que possamos conhecê-la perfeitamente. Ao que nós nos referimos, peregrinos através do humano, transitório e limitado, ao que nós nos referimos é à esperança — esse esforço de ascensão para a alegria, com os pés a sangrar na aridez do temporal e, no coração, a angústia, que é amor retalhado e dividido, eco fragmentário da dor universal.

A esperança é acto de fé na caridade. É uma virtude capital da qual o mundo de hoje parece estar a afastar-se a todo o instante. Há pela terra milhões de gritos dolorosos e, pior do que isso, há milhões de gritos que são sufocados. De modo que até o silêncio nos vem recordar a dor. Tudo parece des cristianizado e o sentido do sagrado, privilégio de uma pequena minoria. E, no entanto, Deus lá está, de braços abertos para todos esses milhões de almas, mais forte, mais calmo, mais amorável e mais feliz do que nós.

A esperança existe por causa do tempo, apesar do tempo e em reacção contra ele. Como flor que crescesse e se erguesse em beleza e protesto contra a horizontalidade escura do solo. No entanto é ela depois que deixa tombar sobre a terra torturada de sol a sombra recortada da sua corola. O cristão não tem em si duas naturezas incomunicáveis. Não ficará pois angustiado enquanto homem e esperançado enquanto filho de Deus. A sua própria humanidade deve reflectir a claridade interior que lhe vem da esperança.

Aflição, problema e mistério, a bipolaridade esperança-angústia não se resolve facilmente por nossos próprios meios. Bem melhor será entregá-la nas mãos d'Aquela sobre quem não incidiu sombra de pecado original, Aquela através de quem sempre receberemos todas as graças de Deus. Até as mais difíceis, como a esperança.

A Senhora sempre presente. Ela, que é Mãe da Verdade e causa da nossa alegria.

NATÁLIA HASSE FERNANDES



Saimos há pouco duma quadra festiva, de que facilmente esquecemos os valores espirituais que lhe confere esta qualidade. Associamos os aspectos profanos com a sua alegria espiritual e se perdemos o sentido das proporções e dos valores a época do Natal pode ficar mutilada.

O Natal de Cristo foi a confirmação da promessa feita a nossos primeiros pais, a Abraão e às suas gerações. O Senhor não nos enganou na nossa esperança. E lembramo-nos nesta altura das palavras do Evangelho do 1.º dia do Advento, que termina: «Passará o Céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão».

O nascimento do Messias seria de alcance relativamente restrito, se Ele, ou por Ele o Pai, não manifestasse a Sua divindade. Assim o ciclo do Natal forma um todo com a Epifania. A divindade do menino que nasceu é reconhecida pelos reis da terra que vêm visitá-lo e o enchem de presentes simbólicos da realeza; é confirmada pelo próprio Pai no Jordão, que diz: «Este é o meu Filho, em quem pus todas as minhas complacências»; é manifestada nas bodas de Caná, pelo primeiro milagre operado por Jesus.

Cada uma destas etapas tem, em si mesma, um significado muito profundo e mais lato do que aquele que pode ressaltar da simplicidade esquemática do que dissemos.

O que pretendemos nesta nota é dar pontos de apoio para uma meditação pessoal e focar a ideia central do ciclo litúrgico, sublinhando a sua importância dentro do pensamento da Igreja.

Dissemos, quando do Advento, que a nossa expectativa não ia para o nascimento de Cristo, para a sua primeira vinda (porque, historicamente, já nasceu). Mas, ao mesmo tempo que celebramos a Sua Incarnação e Nascimento, esperamos a Sua segunda vinda que também foi prometida. E se a manifestação de sua divindade era um apelo aos Seus, que não o reconheciam (S. João, I) e a todos os povos do mundo, é ainda intenção da liturgia o desejo de unidade de todos os homens, para que todos sejam um, tal como o Pai e o Filho são um, para que todos tenham, em herança, o Seu Reino.

Portanto, não é por acaso, nem com sentido forçado, a semana que vai de 18 a 25 de Janeiro, destinada a uma campanha de oração e estudo pela unidade das Igrejas.

«Venha a nós o Vosso Reino», dizemos: «mas que todos sejam co-herdeiros dele», cumpre acrescentar.

Neste ano, que vai preceder o Concílio Ecuménico, deve ter redobrada força este ciclo da Epifania, que nos passa, tantas vezes, despercebido, ou ao qual ligamos tão pouca importância.

Queremos que o reino venha; trabalhamos para a dilatação da Fé, porque o nosso maior desejo é que, tal como na primeira vinda, quando o «Senhor vier com toda a Sua majestade» todas as nações, todos os reis da terra O reconheçam como Senhor e lhe ofereçam juntos ouro, incenso e mirra.

valores e limites da sociologia religiosa



Pelo P.^o MANUEL FALCÃO


Fala-se actualmente muito da sociologia religiosa. Fala-se dela sobretudo entre o clero e os leigos responsáveis de obras católicas que procuram colocar ao serviço da pastoral e do apostolado todos os recursos que as ciências e as técnicas vão proporcionando. Há, por vezes, uma certa afectação nesta busca de «meios modernos», ou um certo naturalismo na preocupação da «eficácia». Mas, dentro do respeito pela hierarquia dos valores e dentro da perspectiva sobrenatural que o pastor e o apóstolo não podem perder de vista, há lugar para a utilização dos meios humanos, e nomeadamente para a planificação mais inteligente e mais científica dos trabalhos pastorais e apostólicos.

A sociologia religiosa, tal como é entendida geralmente pela moderna corrente dos seus cultores no campo católico vem precisamente ao encontro desta preocupação. Podemos defini-la como a ciência de observação, análise e explicação dos fenómenos e comportamentos religiosos colectivos em ordem a uma acção pastoral e apostólica mais conhecida e adaptada às necessidades dos tempos presentes.

Esta orientação prática dos estudos de sociologia religiosa não faz desta ciência dos comportamentos humanos uma espécie de «pastoral científica». A sociologia religiosa permanece em si uma ciência «religiosamente neutra». Não existe para justificar ou impor métodos ou atitudes pastorais mas somente para investigar fenómenos com rigor científico

e tirar conclusões simplesmente verdadeiras. Mesmo que a intenção confessada dos seus cultores seja fornecer dados à pastoral, permanece no domínio das ciências humanas; as suas conclusões não têm valor «católico» nem sequer «religioso». Daqui um certo número de limites quanto ao valor pastoral da sociologia religiosa e consequente utilização dos seus dados.

Sendo ciência, a sociologia religiosa não se contenta com a observação e análise dos fenómenos sobre que se debruça. Procura relacioná-los e formular as suas leis. No entanto, na fase de primeiros passos em que se encontra ainda, foi por esta observação e esta análise que ela começou. A descrição dos comportamentos religiosos colectivos e a representação quanto possível quantitativa e até gráfica das suas intensidades e variações, constitui a ante-câmara da sociologia religiosa. Tem-se adoptado a palavra «sociografia religiosa» para designar esta descrição dos fenómenos religiosos. Assim, permanece no campo da sociografia religiosa, por exemplo, o estabelecimento dos índices de prática dominical numa região determinada e a sua representação gráfica através de cartogramas. Mas já teremos autêntica sociologia religiosa se da comparação de cartogramas, da observação mais atenta dos fenómenos que eles traduzem e da reflexão científica, se chegar à formação de leis que expliquem certos comportamentos e os façam prever em determinadas circunstâncias.

 A título de exemplo, referem-se algumas conclusões a que a sociologia religiosa já chegou, partindo de observações feitas em vários países e que mesmo entre nós, apesar da escassez de dados, parecem confirmar-se.

1.º — Da observação das influências da geografia (física e humana) no comportamento moral e religioso das populações, se tira que as ideias que presidem a esses comportamentos e os determinam, se transmitem pelas grandes vias de comunicação a partir das grandes cidades. Estas grandes vias (estradas, caminhos de ferro, rios) desenvolvem-se normalmente ao longo dos vales, passando por gargantas nas zonas montanhosas.

Assim, as ideias, e conseqüentemente costumes, que pervalecem nas aldeias, e sobretudo nas aldeias da montanha, são um produto (bom ou mau, não interessa

para o caso) «retardado» duma invasão ideológica anterior. Raramente têm poder irradiante; vivem tradicionalmente dum passado que lentamente vai cedendo lugar ao que é presente nos grandes centros urbanos.

Foi o que aconteceu com o processo da cristianização operada nos primeiros séculos da nova era, e é o que se está a verificar com a moderna descristianização dos povos da velha Cristandade. O Cristianismo dos primeiros tempos foi, sociologicamente falando, um fenómeno urbano, como o são todos ou quase todos os fenómenos de tipo cultural. Germinou nas cidades e os últimos redutos do paganismo a resistir à sua invasão fulminante foram as aldeias perdidas nos campos, a que os romanos chamavam os «pagi». O próprio nome de «pagão», que na moderna linguagem se dá ao não cristão, significava outrora muito simplesmente aldeão, habitante dos «pagi».

A descristianização moderna dos países mais tradicionalmente cristãos está a operar-se, de há séculos para cá, pelo mesmo processo. Começar pelas grandes cidades pela aclimação de ideias em grande parte pagãs vindas do passado (regresso ao direito romano no séc. XIV, ao culto da literatura e artes clássicas nos séc. XV-XVI, às fórmulas políticas dos antigos absolutismos no séc. XVII, etc.), seguida de funda revolução ideológica geralmente em detrimento dos verdadeiros valores cristãos. Das cidades, essas ideias foram irradiando lentamente, seguindo os vales dos grandes rios, levadas pelos viajantes e mercadores que por eles circulam mais facilmente. Conquistando rapidamente as planícies, demoraram mais a chegar às aldeias mais isoladas da «civilização», chegando mesmo lá com a virulência muito atenuada.

Todas estas conclusões da sociologia religiosa são em si independentes da pas-



A atracção e o encantamento dos bens do progresso...

toral e podem tirar-se sem que haja qualquer preocupação apostólica. Mas é bem de ver que os apóstolos e os pastores de almas poderão e deverão tê-las em conta ao planificar a sua actuação. Por exemplo, ao distribuir os recursos em gente e meios, é natural que olhem com particular atenção para os grandes centros urbanos de maior poder de irradiação sobre o país inteiro ou vastas regiões, em vez de os dispersar por extensas zonas rurais na esperança, em grande parte vã, de conservar o que resta de vida religiosa.

2.º — Outra «lei» a que a sociologia religiosa chegou pode formular-se da seguinte maneira: «toda a novidade é pagã». Todo o progresso humano, especialmente o progresso científico e técnico dos tempos modernos, precisa ser «baptizado» para se tornar manifestação de vida cristã. Assim, a industrialização, a mecanização da agricultura, o movimento urbano a democratização do ensino e da cultura, e outras realidades dinâmicas da vida social moderna são factores de descristianização, especialmente quando atingem as populações de cristianismo «socialmente envelhecido e cristalizado» que não sabem dar resposta cristã às situações novas que tais realidades lhes vêm criar. Daí a «descristianização» rápida das zonas rurais abertas ao turismo, invadidas pela industrialização ou pela mecanização agrícola; daí também as crises de fé, de moral e de prática religiosa que experimentam a criada de servir, o recruta ou o emigrante ao entrarem no mundo dum «cristianismo de cidadão».

Estes dois exemplos chegam para nos darem ideia do interesse que pode ter a sociologia religiosa para o pastor de almas e o responsável leigo de obras de apostolado. Quando no Evangelho lemos as palavras de Jesus: «Eu sou o Bom Pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me a mim, como o Pai me conhece e eu conheço o Pai», devemos entender que este conhecimento «pastoral» das almas, além de

conhecimento sobrenatural de fé e caridade, é também um conhecimento humano tanto quanto possível perfeito; ora, para este conhecimento ser perfeito, especialmente na complexidade da vida moderna, não bastam os contactos pessoais com os praticantes que nos rodeiam; é necessário uma análise dos diversos factores que modelam as mentalidades, criam os costumes e condicionam os próprios comportamentos individuais. Tal análise, procura fazê-la a sociologia religiosa.

Sem ver na sociologia religiosa panaceia para todos os males, devemos recorrer aos seus processos e aos seus resultados, na medida das possibilidades e da prudência cristã. Os incitamentos autorizados dos Santos Padres e dos Bispos neste sentido desfazem qualquer escrúpulo, sem no entanto deixar esquecer que há valores mais altos em jogo na pastoral e apostolado.



Quantos da família cristã se aproximam da mesa da Comunhão?



II INQUÉRITO

AOS UNIVERSITÁRIOS

Em Janeiro de 1961 será lançado um inquérito aos universitários de Coimbra, Lisboa e Porto, com o fim de obter dados que permitam ter sob certos aspectos um conhecimento geral da Universidade portuguesa.

A Universidade é uma instituição que vive toda uma gama de preocupações, desde as culturais, morais e religiosas, às económicas e financeiras; é em realidade um verdadeiro microcosmo nacional, porque nela se põem todos os problemas dos organismos nacionais, ainda que em menor escala. Interessa, portanto ter deste microcosmo uma visão certa, apreendê-lona sua complexidade teórica e doutrinal, mas sem que percamos a base real formada por todas as condições que permitem a vida dessa instituição que como dizíamos é a Universidade. Ora como instrumento de conhecimento objectivo de realidade a estatística pode ajudar-nos muito e é exactamente dum dos seus inúmeros métodos que pretendemos servir-nos.

Vamos utilizar o inquérito como instrumento de obtenção de dados que irão estabelecer as coordenadas deste sistema em que nós universitários nos movemos. Simplesmente não nos cingimos a analisar a Universidade sob os múltiplos ângulos que como instituição ela apresenta, colocar-nos-emos apenas na óptica que nos há-de permitir ver quês as condições de vida e a mentalidade do estudante universitário. A outros caberá debruçarem-se sobre os restantes e não menos importantes aspectos da Universidade Portuguesa.

— PORQUÊ UM II INQUÉRITO?

Já quando da preparação do I Congresso da JUC houve a preocupação de arranjar números que traduzissem com clareza a situação real do universitário português de então. Esses números e as análises em volta deles feitas foram publicados num denso volume e são extremamente úteis e elucidativos. Contudo já têm oito anos. Em oito anos talvez muita coisa tenha mudado ou talvez muita outra se tenha mantido inalterável. É isso que queremos saber. Queremos ter a certeza de evolução ou de estagnação, porque é necessário, urgente captá-las, explicá-las e melhorá-las.

Não basta nem é certo dizer-se que determinada coisa está bem ou que uma outra está errada, é preciso que estes juízos sejam apoiados e fundamentados em dados reais sobre os quais se fez uma reflexão profunda e cuidada.

São estas as razões que nos levam a lançar um novo inquérito e que fazem com que ele tenha uma imensa importância, pois além de nos trazer a possibilidade do conhecimento da situação universitária actual, permite-nos estabelecer comparações com os resultados do I inquérito e saber como essa situação se realizou ao longo destes oito anos.

— QUAL A FORMA DO INQUÉRITO?

Do I inquérito faziam parte vários textos para serem respondidos por todos os universitários, pelas equipas de Juc e Jucf, pelas comissões delegadas, etc.

Este II inquérito constará só de dois textos a saírem provavelmente com uns quinze dias de intervalo. As secções em que está dividido são: questões culturais, questões realiosas, questões morais, problemas de estudo, questões profissionais e problemas económico-sociais. Num primeiro texto irão as questões culturais, profissionais e os problemas de estudo, enquanto que do segundo farão parte os problemas económico-sociais e as questões religiosas.

O inquérito será rigorosamente anónimo e cada pessoa responderá aos dois textos.

— COMO VAI SER LANÇADO O INQUÉRITO?

Aqui é que me parece haver algo de novo a dizer, visto que para a maioria esta técnica de lançamento será desconhecida.

O inquérito será lançado por amostragem. Mas o que é a amostragem? É um meio de conhecimento das propriedades duma determinada população através da observação de alguns elementos dessa mesma população. Assim para se observar qualquer universo estatístico, basta que se retirem segundo um critério apropriado alguns elementos que passam a constituir a amostra, a qual deve ser representativa do conjunto. Para que a amostra seja representativa do universo sondado deve possuir as características fundamentais deste, deve reproduzi-lo sob certos aspectos (exactamente os que nos interesse estudar com essa amostra).

Neste nosso inquérito não irão, portanto, ser interrogados todos os universitários, mas só aqueles que a escolha segundo critério apropriado determinar como fazendo parte da amostra. Para esses será enviado pelo correio o inquérito e terão um prazo suficiente para responder, findo o qual devem enviá-lo para a comissão.

As vantagens desta técnica de lançamento são: permitir uma maior economia de tempo, um menor custo, uma maior comodidade e ser muitas vezes o resultado mais preciso do que a consulta a todos os elementos do meio.

Dos resultados da amostragem podemos inferir as propriedades do campo sondado.

— QUE DEVE SER PARA CADA UMA DE NÓS O INQUÉRITO?

Como estamos inseridas numa comunidade, a comunidade universitária, cada uma de nós tem de cumprir o seu dever de membro. E como membro é-nos requerido que estejamos atentas a tudo que com ela se relacione, sobretudo àquilo que a pode de algum modo melhorar ou contribuir para que a sua função social seja desempenhada eficientemente.

Apresenta-se-nos agora uma ocasião de contribuímos para que se conheça um pouco melhor a vida dos universitários e é-nos pedido que colaborem na resposta aos inquéritos e que a enviemos rapidamente. Depende do esforço que cada uma fizer, em responder séria e rapidamente, o bom êxito do II inquérito aos universitários portugueses.

IDALINA NEVES DE SOUSA



Deus olhou a
humildade de
sua serva...

...Fez nela grandes coisas
e todas as gerações a proclamaram
bem aventurada»

Sim, ela foi cumulada. Depois que tudo entregou a Deus, ele próprio lhe tomou o destino nas suas mãos. É ele, o Senhor, que escreve a sua história. E satisfaz-lhe todos os desejos com uma superabundância divina.

Em primeiro lugar o seu desejo de se dar, e dar tudo até ao fim para a salvação do mundo. Ela nada guardou. Ele tomou tudo. Conduziu-a por caminhos misteriosos até aos limites extremos, por regiões que ela não conhecia, nas profundezas do sacrifício.

Quando é preciso aceitar a missão que Deus confiou de se tornar a Mãe do Salvador;

quando é necessário que a inquietação atravesse o coração de José e que, por um instante, o seu puro projecto de amor fosse posto em dúvida;

quando é preciso deixar tudo para partir na própria ocasião de esperar a vinda do Filho tão desejado;

quando é necessário oferecê-lo no Templo e saber pela boca do Profeta que a espada estava já preparada para ele e para ela;

quando é necessário trabalhar anos sem saber nem onde, nem quando, nem como o seu destino se havia de manifestar e realizar-se a sua missão;

— Eis em todos os momentos a Serva do Senhor, que me seja feito segundo a vossa palavra.

Quando é necessário separar-se de José, que morre, e de Jesus que parte.

— Eis a Serva do Senhor, seja-me feito segundo a vossa palavra.

Quando é preciso segui-lo no dia a dia e sofrer em silêncio pelo mundo de incom-

preensão e de ódio em que mergulha.

— Eis a Escrava do Senhor, seja-me feito segundo a vossa palavra.

Quando é necessário saber, naquela noite que era certo, que ele estava preso, entregue sem defesa e que todos tinham fugido; quando chega a hora de o encontrar a caminho do Calvário, vê-lo ser crucificado, vê-lo sofrer, vê-lo morrer sem nada poder em seu favor,

— Ó meu Deus, é possível que peçais isso?

— Eis a Serva do Senhor, seja-me feito segundo a vossa palavra.

Sim, ela tudo deu na verdade, e o designio de Deus é impenetrável.

O Senhor pediu-lhe tudo e, no entanto, ela estava inocente, não tinha pecado; tomou-lhe tudo, mesmo o seu Filho, mas para lhe dar tudo. Maria sabe-o. Mantém nele a sua fé. Tem confiança nele.

Não pensa tanto em si como naquele que morre sobre a Cruz. Une-se ao seu sofrimento mas mais ainda ao seu sacrifício para a salvação do mundo pecador, neste consentimento que é, já, o gérmen escondido dum mundo novo.

Filha de Abraão, deu tudo a Deus e não lhe recusou o seu Filho único, o Filho da promessa.

Também para ela não terá sido dito: «Porque não duvidaste e não me recusaste o teu Filho

eis que farei nascer de ti um povo numeroso

Eis que todas as gerações te chamarão bemaventurada.

Deus tinha-lhe pedido tudo mas para lhe dar tudo.

Amanhã, o Filho ressuscitado estará junto dela para a eternidade.

Amanhã ser-lhe-á dado espalhar, por sua vez sobre a humanidade infeliz as graças da cura, do perdão e da vida. Amanhã todos os seus desejos de salvação serão realizados.

Ela será junto dele co-redentora do género humano. É a glória do Filho unir assim a Mãe ao seu triunfo, não só dela recebendo a vida como dando-lha para a distribuir entre os homens.

Eis que os desejos imensos do seu coração se realizam; e a este povo que ela traz, desde a origem, no coração, fá-lo nascer de novo em cada dia.

Temos dificuldade em imaginar uma consciência tão aberta e um coração tão grande capazes de se estenderem a toda a humanidade, não apenas a uma multidão anónima, mas como a uma família em que cada um é conhecido, acarinhado e tratado como se fosse único no mundo. As multidões de Lourdes e de Fátima, todos esses homens e mulheres, essas crianças que enchem todos esses santuários cristãos, toda essa humanidade sobre a imensa extensão da terra é a Sua família. Parece-nos uma espécie de sonho, mas é um mistério do coração de Maria, esse de se alargar às dimensões da família humana, de se dar a todos, e toda ela, inteira a cada um, e de saber, por um instinto secreto, as necessidades, o sofrimento, o desejo íntimo de cada homem. Porque ela é Mãe.

LOUIS LOCHET, in
«Dans le mystère de Marie»



AS FRATERNIDADES SECULARES

«CARLOS DE JESUS»

Cada vez mais, numerosos católicos, padres e leigos e mesmo não católicos, se referem ao exemplo do Padre Carlos de Foucauld. Ora, se assim é, é porque, sem dúvida, a sua mensagem responde mais concretamente a certas necessidades da nossa época.

Tentamos aqui, neste pequeno artigo, dar uma ideia do que são as Fraternidades Seculares «Carlos de Jesus», quer dizer, dos traços principais da mensagem do Irmão Carlos, a viver pelas Fraternidades Seculares.

Temos, pois, que partir do princípio que aqueles que o lerem, já alguma coisa conhecem da vida do Padre Carlos de Jesus e das congregações que ele fundou (1).

Posto isto, poderíamos talvez dizer que a expansão da família espiritual do Padre de Foucauld, é consequência do seu «método espiritual» (se se pode falar de «método» numa espiritualidade que é bem mais vivida que conceitualizada). É que esse método vai direito ao essencial: amar a DEUS.

É da perfeição no Amor que sai tudo o resto: Amor que não é, apenas, contemplação, mas que para Carlos de Jesus, constitui uma exigência de conformidade plena e total com o Ser amado, na própria imitação da vida que historicamente Ele levou. A sua regra é, pois, uma pessoa: Jesus Cristo; seguir a Jesus, fazer o que Ele faria; identificar-se tão plenamente quanto lhe for possível com Jesus. É esta a sua única regra, mas a sua regra absoluta.

Para isso é necessário antes de mais, ser fiel ao que Cristo nos pede no Evangelho. É segundo

o Evangelho, quer dizer, segundo as palavras, os exemplos, os ensinamentos, os conselhos de Jesus no Evangelho que seremos julgados, e não, simplesmente, segundo tal ou tal livro de tal ou tal mestre de espiritualidade. É este um ponto essencial da espiritualidade do Irmão Carlos.

Quais são, no entanto, os aspectos essenciais a uma vocação da Fraternidade Secular, ou mesmo a qualquer outro ramo da família espiritual de Carlos de Foucauld?

Bernanos, no *Journal d'un Curé de Campagne*, convida cada homem a procurar em que altura da vida de Cristo tem o seu lugar. Para o Irmão Carlos e para aqueles que o seguem, a resposta é imediata: NAZARÉ.

Depois do que já se disse, poderá esta afirmação parecer, talvez, um pouco estranha. Mas entendamo-nos. O que se quer dizer, é que a vida do Padre Carlos de Jesus, como dos religiosos e leigos que o querem seguir, deve ser centrada sobre uma fidelidade muito grande à vida de Jesus em Nazaré. Ora a fidelidade à vida de Nazaré é, simplesmente, a aceitação plena e total da nossa condição: de homem irmão dos outros homens, de homem filho de Deus.

Reparemos bem, como Jesus Cristo, o Deus feito homem, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, aceita plenamente a sua condição de homem, na vida de Nazaré. «Não é Aquele o filho do carpinteiro?».

É isto que para nós representa a fidelidade a Nazaré: aceitar plenamente, com todas as suas responsabilidades, com todas as suas alegrias e tristezas, a condição de homens que o Senhor nos deu, o que implica automaticamente trazermos sobre nós toda a responsabilidade inerente ao estado, ao meio, à profissão, ao ambiente em que vivemos.

(1) Ver «As irmãs do Père Foucauld», in *Presença* n.º 25.



É esta a consequência da fidelidade à vida de Nazaré: o tomarmos sobre nós, mas sem limitação alguma, a obrigação de, segundo as nossas forças e possibilidades, fazermos aquilo que o próprio Cristo faria, se estivesse no nosso lugar.

É a obrigação da realização fiel e total da vontade de Deus a nosso respeito tendo bem presente o lugar, o tempo, as condições em que o Senhor nos colocou.

Para um homem ou uma mulher casados, que pertençam a uma Fraternidade secular, a sua fidelidade a Nazaré é, pois, uma fidelidade aos seus deveres de marido e mulher e de pais; aos seus deveres profissionais; aos seus deveres de meio social; não deveres de uma classe social, separada ou antagónica de outras classes, aspecto aliás que nas Fraternidades não existe, porque ele é contrário ao Evangelho, mas deveres de exactamente vencer todas as barreiras necessárias, para que essas classes, se já existem separadas, se possam aproximar, de forma a que, na realidade, todos se considerem irmãos ou irmãs em Nosso Senhor Jesus Cristo, porque filhos do mesmo Pai, conscientes do mesmo destino Eterno.

É uma vivência muito grande de um autêntico amor fraterno, concretizado, o que se pede às Fraternidades Seculares, na sua fidelidade a Nazaré.

Mas poderíamos, agora, dizer: Afinal, que trazem as Fraternidades Seculares de novo, que se não soubesse já? Não é já bem velho o preceito de cumprir, o melhor possível, os «deveres de estado»? Sem dúvida. E, de forma um pouco genérica, poderíamos dizer que nada nas Fraternidades é novo: tudo é velho, mas velho de há 2.000 anos. E aquilo que elas pretendem trazer de novo e que é, sem dúvida, o seu aspecto de novidade, (novidade ao mesmo tempo antiga e perene) é um retorno àquilo que é básico, essencial: a uma vida evangélica, de conformidade plena com o Evangelho.

É, talvez, esta, uma das razões principais porque elas respondem, em parte, a uma exigência do nosso tempo.

Poder-se-á, no entanto, acrescentar, ainda, alguma coisa à maneira como a Fraternidade Secular pretende realizar esse retorno ao Evangelho ou mais concretamente, a Jesus Cristo.

★ Para isso, pensamos ser mais claros transcrevendo estes passos do Directório da Fraternidade Secular:

«A Fraternidade Secular Carlos de Jesus é um agrupamento reconhecido pela Igreja, reunindo fraternalmente, num mesmo desejo de dom total a Deus e numa mesma procura de amizade universal, cristãos de origens e vocações diversas *que se querem entretajar* a pôr o Evangelho em prática na sua vida, cada um segundo o seu estado, na sequência do Irmão Carlos de Jesus e na sua linha de espiritualidade. Aqueles que vivem no mundo, especialmente aos lares e às pessoas casadas, a Fraternidade Secular dá a possibilidade de uma forma de «consagração» recebida pela Igreja. A todos, mesmo aqueles já consagrados pelo sacerdócio ou pela profissão religiosa, a Fraternidade Secular oferece também a ocasião dum esforço de compreensão mútua e de unidade vivida entre cristãos desejosos de se abrir em conjunto a Deus e à caridade universal, para além das divisões de classes, de raças ou de nações, por causa de Jesus e do Evangelho».

E mais adiante:

«A espiritualidade da Fraternidade Secular é, portanto, centrada na pessoa de Jesus, na Eucaristia, no Evangelho e consiste essencialmente, para cada um, num esforço corajoso para uma vida de oração, de pobreza e de amor fraterno universal, numa imitação mais fiel de Jesus».

Dentro deste espírito, as Fraternidades pretendem ajudar cada um dos seus membros a fazer da sua vida uma autêntica «presença de Deus» e uma autêntica «presença dos homens»; presença de Deus e dos homens, que não é mais que a concretização daquela procura constante do Deus feito homem, no qual queremos enraizar toda a vida.

Assim, essa «presença de Deus», será em especial a de uma oração contemplativa, uma oração eucarística antes de mais; louvar a Deus como



Deus, o que leva cada homem à atitude que exclusivamente deve ter diante do seu Criador: a adoração. Esta adoração, que é aliás uma das partes, e insubstituível, das reuniões mensais da Fraternidade Secular, deve fazer-se, sempre que possível, diante do Santíssimo — oração essencialmente eucarística.

Mas ela não está desligada da vida. Nessa vida de oração, devem estar sempre presentes todos os homens, de todas as raças e nações, de todos os credos, porque todos foram resgatados pelo mesmo Sangue. Para um membro da Fraternidade Secular, a procura de um «amor fraterno universal» é ponto base. A sua ligação ao Corpo Místico, ele a quer compreender em toda a sua dimensão, que é universal como a própria Igreja.

Aqui se responde ao apelo do Irmão Carlos de Foucauld, que desejava ser, de maneira plena, o «Irmãozinho universal».

E assim se começa já a realizar a sua forma de «presença dos homens».

Mas esta preocupação dominante de universalidade no Amor, quer-se concretizar mais, ainda, naqueles nossos irmãos que vivam mais perto de nós. E, dentre esses, principalmente sobre os mais pobres, os mais abandonados, os menos civilizados, os mais afligidos e talvez, por isso mesmo, os mais próximos de Cristo.

É esta, a razão porque, em toda a família espiritual do Padre de Foucauld, a pobreza é uma das notas mais importantes. Ela quer imitar a Cristo, que foi pobre e nos aconselhou a ser pobres. Ela quer procurar a Cristo, aonde ele nos indicou também que o procurássemos — nos seus pobres.

Para os irmãozinhos e irmãzinhas do Padre Foucauld, a pobreza é, mesmo, um dos pontos essenciais: ninguém se pode dedicar aos pobres, sem ser um deles, igual em tudo a eles. Para os membros da Fraternidade Secular, se a pobreza

«efectiva» lhes não é exigida, pelas condições de meio e de vida em que o Senhor os pôs, é-lhes, pelo menos, imposto um «espírito de pobreza», no sentido evangélico das bem-aventuranças.

Através de toda esta linha de espiritualidade, os membros da Fraternidade Secular pretendem entreajudar-se, com a consciência plena de que cada um deles tem, sobre si, a inteira responsabilidade de todos os outros.

Pretende-se, assim, criar uma verdadeira comunidade cristã de irmãos, que não se querem fechar sobre si, mas procuram alargar, ao mundo inteiro, aquilo que exactamente entre si pretendem realizar.

Que o Senhor dê, através do seu divino Espírito de Amor, às Fraternidades Seculares do Padre de Foucauld, o lugar que Ele quiser para elas no mundo de hoje. E que, cada vez mais, em cada homem, possa haver um verdadeiro espírito de abandono nas mãos do Pai. É o que se pede para toda a Humanidade, recitando a oração do Irmão Carlos, com que terminamos:

«Meu Pai,

A Vós me abandono; fazei de mim o que quiserdes. O que de mim fizerdes, eu Vo-lo agradeço.

Estou pronto para tudo, aceito tudo, contanto que a Vossa Vontade se faça em mim e em todas as vossas criaturas. Não quero outra coisa, meu Deus.

Entrego a minha alma nas vossas mãos. Eu Vo-la dou, Meu Deus, com todo o amor do meu coração, porque Vos amo, e porque é, para mim, uma necessidade de amor dar-me, entregar-me nas Vossas mãos, sem medida, com uma infinita confiança, porque sois meu Pai!».

MARGARIDA MARIA
e JOSÉ LUIS TELLO ROSQUILRA

semana de formação missionária



A Acção Católica Portuguesa promove, de 15 a 22 de Janeiro, em todas as dioceses de Portugal, uma Semana de Formação Missionária.

PORQUÊ?

«O EVANGELHO DO REINO SERÁ PRIMEIRO PREGADO POR TODA A TERRA E ENTÃO VIRÁ O FIM»

Mat. XXIV

- Há quase dois mil anos, Jesus Cristo anunciou a salvação do mundo pela lei da CARIDADE, quer dizer do Amor, que apesar do esforço heróico de tantos missionários ainda é desconhecido por cerca de um bilião de almas.
- Desde 1919, a Santa Igreja, pela voz dos seus pontífices tem repetido veementemente o apelo missionário.
- Portugal é um país de gloriosas tradições missionárias, a que os portugueses de hoje têm de corresponder, de forma adequada às mais actuais e urgentes necessidades da Igreja.

PARA QUÊ?

«... E, se é verdade que a vida sobrenatural é uma vida de caridade que aumenta o dom de si mesmo, pode afirmar-se que a vitalidade católica de uma nação se mede pelos sacrifícios de que é capaz pela causa missionária»

Pio XII

- Para que a mensagem cristã seja difundida e o povo de Deus cresça em toda a terra e nas dioceses portuguesas de além mar;
- Dinamizar e desenvolver, nos membros da Acção Católica e nos cristãos portugueses, uma consciência missionária actuante e irradiante;
- Promover em Portugal uma intensificação de apostolado missionário, nos seus aspectos fundamentais: oração, esmola, vocações.

COMO?

«Desde as origens, a Santa Igreja, por sua própria natureza, é impelida a levar a toda a parte a palavra divina. Para cumprir este dever imprescindível, jamais deixou de pedir a seus filhos três auxílios: orações, assistência e, de alguns, o próprio dom de si mesmos».

- Organizando orações colectivas e uma campanha de oração diária pelas intenções da Igreja na Ultramar Portuguesa, dioceses do Ultramar e unidade da Igreja;
- Realizando actividades formativas sobre temas missionários: encontros de dirigentes, reuniões, conferências, sessões cinematográficas e outras, exposições, etc.;
- Recolhendo donativos, provenientes das renúncias feitas durante a semana, para constituição de um fundo destinado ao incremento da A. C. no Ultramar.

creio na ressurreição dos corpos...

«Se não há ressurreição dos mortos, então também Cristo não ressuscitou. Mas, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, também a nossa fé».

S. Paulo, 1 Cor. 15, 13-14

A fé na ressurreição final constitui um difícil — ou incómodo — tema de reflexão. E, no entanto, a doutrina da ressurreição reveste uma importância capital, porque está na base da fé cristã. São Paulo diz, a este respeito, palavras decisivas: «Se não há ressurreição... a nossa fé será vã».

Tem sido este um dos pontos da doutrina mais violentamente atacados e à volta do qual a polémica tem sido particularmente viva. Os não cristãos, os judeus, os protestantes liberais contradizem-se nesta que tão, e mesmo entre os cristãos manifestam-se algumas divergências de opinião.

Pois não é fácil entender como será possível reunir de novo e reintegrar na sua forma primitiva os elementos que, num dado momento, compuseram um corpo humano, depois se dispersaram e dissolveram, ou foram até, assimilados por outros organismos. No ciclo da vida, sem cessar retomado, a mesma matéria «serve» várias vezes. A objecção clássica dos antropófagos, que se coloca nesta linha de raciocínio, constitui um exemplo extremo, mas muito claro, da dúvida formulada.

Mas, como veremos, estas objecções surgem e só podem por-se dentro de uma concepção restrita da ressurreição.

A revelação divina

É a palavra de Deus que nos garante que haverá ressurreição universal de todos os homens bons e maus, e que uns e outros ressuscitarão com o mesmo corpo que tiveram na terra.

Muitas passagens do Antigo Testamento *insinuam* que haverá ressurreição — e, agora, por exemplo, a visão do profeta Ezequiel.

— «A mão de Yahvé pousou em mim e o espírito de Yahvé conduziu-me até ao vale cheio de ossadas. O Senhor fez-me caminhar através delas, em todos os sentidos. Ora os ossos eram muito numerosos sobre o solo do vale e estavam completamente ressequidos. E Yahvé disse-me: Filho do homem, viverão estas ossadas? Eu disse: Senhor Yahvé tu o sabes. Ele disse-me: «Profetiza sobre estes ossos. Tu dir-lhes-ás: «Ossos ressequidos, escutai a palavra de Yahvé. Assim fala o Senhor a estas ossadas. Eis que vou fazer entrar em vós o espírito e vivereis. Porei sobre vós nervos, farei sobre vós nascer carne, estenderei sobre vós pele e dar-vos-ei um espírito e vivereis e sabereis que sou Yahvé. Eu profetizei, como me tinha sido ordenado. Então ouviu-se um barulho no momento em que profetizava, houve um estremecimento e os ossos juntaram-se uns aos outros. Olhei: estavam cobertos de nervos, a carne surgia e a pele estendia-se por cima mas não havia espírito neles. E ele disse-me: «Profetiza ao espírito, profetiza, filho do homem. Dirás ao espírito: — Assim fala o Senhor Yahvé. Vem dos quatro ventos, sopra sobre estes mortos e que eles vivam. Profetizei como ele me tinha ordenado e o espírito entrou neles e eles retomaram vida e ergueram-se sobre os seus pés: grande, enorme, exército.

(Ezequiel, 37, 1-10)



e Job:

«Eu sei, que o meu Defensor vive, que Ele, por fim se levantará sobre a terra. Depois do meu despertar, estabelecer-me-á junto dele e na minha carne verei Deus.»

(Job, 19, 25-26)

Noutras passagens, porém, o Antigo Testamento vai mais longe do que a simples insinuação e ensina esta verdade:

— Os teus mortos tornarão a viver
os seus corpos ressuscitarão;
levantai-vos, exultai,
todos os que permanecem no pó

... porque o teu orvalho é um orvalho luminoso
... o país das sombras dará a vida
(Isaias, 26, 19)

O profeta Daniel, num dos grandes textos do Antigo Testamento sobre a ressurreição, afirma:
— Um grande número dos que dormem no país das trevas, despertarão, uns para a vida eterna, outros para o opróbio, para o terror eterno.
(Daniel, 12, 2)

E, no livro dos Macabeus:
... mas o Rei do mundo ressuscitar-nos-á para uma vida eterna, nós que morremos sob as suas leis.
(Macabeus, 7,9)

S. Paulo confirma esta verdade: com a ressurreição de Cristo

«Ora se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns de vós podem dizer que não há ressurreição dos mortos! Se não há ressurreição dos mortos, Cristo também não ressuscitou, então a nossa pregação é vã, e vã a nossa fé. E do mesmo modo acontece que nós somos falsos testemunhos de Deus, porque afirmámos contra Deus que Ele ressuscitou Cristo, não sendo ele ressuscitado, uma vez que é verdade que os mortos não ressuscitam. Porque se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E se o Cristo não ressuscitou a vossa fé é vã, e vós estais ainda no pecado.» (I, Cor. 15, 12-17)

Com o místico vínculo existente entre a Cabeça e os membros:

«... Mas não, Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que já adormeceram. Porque a morte tendo vindo por um homem, será também por um homem que há-de vir a ressurreição dos mortos. Com efeito, assim como todos morrem em Adão, também todos hão-de reviver em Cristo.» (I. Cor. 15, 20-22)

No Novo Testamento, é Cristo quem nos ensina que haverá ressurreição:

Vai chegar a hora em que todos os que estão nos túmulos hão-de ouvir a sua voz; os que tiverem feito boas obras irão para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado más acções para a ressurreição da condenação.

(S. João 5, 28, 29)

Quem come a minha Carne e bebe o meu San-

gue tem a Vida Eterna, e eu ressuscitá-lo-ei no último dia.

(S. João, 6, 54)

E, citando de novo S. Paulo, para quem a ressurreição de Cristo constituía o melhor argumento da nossa ressurreição:

... «Não, Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que já adormeceram. Porque a morte tendo vindo por um homem é também por um homem

que vem a ressurreição dos mortos. Na verdade assim como todos morrem em Adão, também todos reviverão em Cristo».

(1 Cor. 15, 20-22)

e o Apóstolo confirma a ressurreição com a completa vitória de Cristo sobre a morte:

Com efeito é preciso que esse ser corruptível se revista de incorruptibilidade, que esse ser mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei. Porém, graças a Deus que nos deu a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo.

(I. Cor., 15, 53-57)

Por outro lado, por ser dogma violentamente atacado pelos pagãos, desde os primeiros séculos a tradição cristã tratou, ex-professo, de defender a sua possibilidade, de inculcar a certeza dessa verdade e de ilustrar a conveniência da ressurreição. Numerosos autores — citamos, entre muitos Tertuliano, Atenágoras, Origenes, St.º Atanásio, S. João Crisóstomo, St.º Agostinho — dedicaram passagens importantes dos seus trabalhos e até tratados inteiros a este tema.

O dogma

Perante a revelação divina a razão humana como reage? Regozija-se, em primeiro lugar, por ver nela múltiplas conveniências — manifestação de justiça, sabedoria e poder de Deus — a glória de Cristo, a Sua redenção eficaz e completa vitória sobre a morte, ou ainda, no plano antropológico, a justificação da unidade do composto humano e do uso dos sacramentos — e encontra, nesta doutrina, a resposta a fundas aspirações da alma humana.

Não é, no entanto, fácil compreender, nem como será o corpo ressuscitado, nem como se manterá a identidade entre este e o corpo mortal.

Com efeito, a verdade dogmática não afirma apenas a ressurreição dos corpos mas ainda a existência da identidade específica e numérica entre o corpo ressuscitado e o corpo que agora possuímos.

O problema consiste, pois, em saber como se

manterá a identidade entre o corpo ressuscitado e o corpo mortal, isto é, que condições se exigem para que se possa afirmar que o corpo ressuscitado é o mesmo corpo que neste mundo esteve unido à alma. Daqui as duas tentativas de explicação teológica que a seguir vamos expor.

A interpretação da maioria dos teólogos

Na ressurreição, afirma a maior parte dos pensadores católicos, o corpo é constituído pelas mesmas partículas materiais (elementos, átomos, moléculas, etc.) de que era composto durante a vida mortal e de que pela morte se haviam dissolvido.

E assim, afirmam alguns, interpretando estritamente o dogma, todos os elementos que nesta vida foram incorporados ao homem serão reassumidos na ressurreição final. Deste modo, em qualquer momento da vida, é verdade dizer: este corpo [materialmente] ressuscitará.

Porém, se é certo que não obsta quanto à fé a hipótese de que serão reassumidos na ressurreição todos os elementos que durante a vida compuseram o corpo humano, também é verdade que tal hipótese implica ignorar a realidade do fluxo e refluxo dos elementos materiais do corpo, e sendo incompatível com esse facto, torna-se absurda. A menos que se admita, na ressurreição, a reconstrução de um corpo monstruoso, com uma extraordinária densidade, o que, além de ridículo, não salvaguarda a identidade entre o corpo ressuscitado e o corpo mortal...

Dentro da mesma orientação — a identidade entre o corpo ressuscitado e o corpo mortal deve entender-se no sentido material e total — defendem alguns pensadores que os mesmos elementos materiais que entravam na composição do corpo humano no momento da morte e se dissolveram depois ou se conservam ainda no túmulo, são numéricamente os mesmos que reconstituirão o corpo humano ressuscitado.

Ora esta interpretação não salvaguarda integralmente, como pretende, uma interpretação material rigorosa das fórmulas da fé: é este corpo, enobrecido pelos Sacramentos — por ex.º baptismo, comunhão — o mesmo que fez o bem ou o mal, aos 10, aos 30, aos 80 anos, que ressuscita. E, se

é possível, sem grande dificuldade, conciliar esta concepção com os textos da revelação dando-lhes uma interpretação material mas mais larga — e é directamente o que está no espírito ou constitui a mentalidade espontânea de muitos textos da tradição — nem por isso as objecções clássicas encontram resposta. Pois esta concepção não destrói o argumento da insuficiência da matéria necessária à reconstituição dos corpos, e de resto, a força dessas objecções torna impossível admitir este conceito como solução geral e necessária. Nem se sabe, sequer, se algum teólogo alguma vez a admitiu...

Finalmente segundo a interpretação clássica do dogma da ressurreição os elementos que reconstituirão o corpo humano são elementos que alguma vez nele estiveram integrados, ou no último período da vida, ou em qualquer momento dela; na impossibilidade de o serem, e na medida em que for necessário, Deus suprirá com quaisquer outros elementos materiais.

Mas, na realidade, esta concepção não resolve a interrogação da inteligência humana, limitando-se a apelar para a onipotência divina; ou então, ao pretender fornecer uma explicação, dá apenas uma solução de compromisso que se elasta visivelmente da estrita interpretação material da identidade dos corpos.

* * *

Nenhuma destas interpretações é pois capaz de responder às objecções clássicas, e, se constituem opiniões seguras, isto é, se podemos ficar certos que não são incompatíveis com a Palavra de Deus, nem por isso satisfazem plenamente a razão humana.

Com efeito, se tomamos materialmente à letra as expressões tradicionais, se quisermos ser lógicos, cairemos numa série de conclusões evidentemente inaceitáveis, pois teremos de admitir que ou ressuscitaria toda a matéria do nosso corpo, ou ressuscitaria só a matéria do nosso corpo, ou, ainda, que deveria ressuscitar a própria matéria que deixámos no momento da morte.

Em face disto, é necessário concluir que uma interpretação material nos leva logicamente a um beco sem saída. Não é aviso suficiente de que

★ não deve ser este o caminho para a interpretação das fórmulas da fé?

Outra concepção da ressurreição

Outra corrente de pensadores católicos defende que a identidade material absoluta não é indispensável e que basta a identidade formal para que o corpo ressuscitado seja o mesmo corpo que neste mundo esteve unido à alma.

Desde que permaneça a mesma alma individual, quaisquer que sejam os elementos materiais informados pela alma na ressurreição, é o mesmo corpo que nesta vida possuímos que depois ressuscita.

Isto é, não se torna necessário, para que exista identidade entre o corpo que agora possuímos e o corpo ressuscitado, que este reassuma os mesmos elementos materiais que o constituíam em vida, porque está na alma o princípio de permanência bem como os princípios activos da consciência e da memória intelectual e sensível que

8. Paulo confirma esta verdade com o desejo inato e infuso de obtermos completa redenção do corpo:

«E sabemos na verdade, que toda a Criação até esse dia geme com as dores de parto. E não apenas ela — nós próprios que possuímos as primícias do Espírito, gememos também interiormente, esperando a redenção do nosso corpo.» (Rom, 8, 22-23)

confirma-a com a inabitação do Espírito Santo:

«... E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscita Cristo Jesus dentre os mortos dará também vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita.» (Rom, 8, 11)

são as manifestações dessa permanência e da nossa unidade substancial.

A alma pode reconstituir o seu organismo pelo poder de Deus, esse organismo é o corpo ressuscitado.

«... Durante a nossa vida, o nosso corpo renova-se várias vezes e no entanto o nosso eu, na sua vida física e espiritual, permanece suficientemente idêntico a si mesmo para que em toda a justiça o homem adulto ou velho beneficiem ou sofram em consequência das boas ou más disposições dadas ao seu corpo pelas virtudes ou vícios da adolescência. *Este facto pode ser misterioso, mas é inegável.* Mas, se já durante a nossa vida a identidade do composto humano não implica a identidade de todos os seus elementos, se ela é compatível com a perda ou a renovação de alguns deles, porque razão se não poderá dizer o mesmo da identidade necessária para a ressurreição? De nenhum modo ela exigirá que sejam integralmente recuperados todos os elementos que nos pertenceram ou que pertenceram até a vários durante o período da nossa vida sobre a terra».

(Hugueny O.P., Critique et Catholic.)

Desde que permaneça a mesma alma individual, qualquer que seja a matéria que a informe, é o mesmo homem individual que permanece, e o mesmo vivente e o mesmo corpo, e o mesmo ente individual. E assim é o mesmo homem e o mesmo corpo, numericamente ou individualmente — a criança de dois anos que depois se tornou homem de trinta anos e agora é um velho de 100 anos — embora os elementos materiais informados pela alma tenham mudado completamente.

Assim como a identidade da matéria (química) não é indispensável para que permaneça o mesmo corpo numérico, assim o corpo ressuscitado poderá chamar-se e ser, com toda a verdade, o mesmo corpo que a alma informava antes da morte, embora os elementos químicos que agora entram na composição do corpo sejam numericamente diversos dos que entraram na composição do corpo ressuscitado.

A identidade permanece no mesmo indivíduo apesar do fluxo e refluxo de elementos que passa pelo organismo e faz com que de instante a ins-

S. Paulo proclama esta verdade perante os Sacerdotes:

«Paulo sabia que aí havia por um lado o partido dos saduceus e por outro o dos fariseus. Por isso exclamou no Sinédrio: — Irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus. É pela nossa esperança na ressurreição dos mortos que estou a ser julgado.» (Ac. 22,6)

perante Agripina:

É por esta esperança, ó rei que eu sou acusado pelos Judeus. Porque razão entre vós é tido como impossível que Deus ressuscite os mortos?... que Cristo sofreria, e que sendo o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, anunciaria a lux ao povo e às nações pagãs.» (Ac. 26, 8,23)

perante epicuristas e estóicos em Atenas:

«... Havia até alguns filósofos epicuristas e estóicos que o ridiculizavam. Uns diziam: — que poderá dizer este papagaio? Outros: — Dir-se-ia um pregador de divindades estranhas, porque Ele anunciava Jesus e a ressurreição.» (Ac. 17, 18)

tante nós sejamos outros, mas não que sejamos um outro, e não podemos exigir para a identidade do corpo ressuscitado mais do que exigimos para a unidade do corpo vivo durante as diferentes épocas da sua vida.

Poderá, porém, argumentar-se que o exemplo da unidade do corpo apesar da mutação da matéria nada demonstra: com efeito, essa transformação faz-se lentamente, a maior parte arrastando consigo a menor e evoluindo ambas em conjunto; a ressurreição, pelo contrário, faz-se instantaneamente, e portanto, se não existe nenhuma matéria do corpo, não se pode dizer que esse corpo ressuscite.

Mas esta objecção esquece que a mudança sucessiva não é a *causa* da permanência da unidade numérica do corpo através da vida, é uma nota da acção das causas criadas que, não possuindo poder sobre os princípios intrínsecos do ser, actuam através dos acidentes e com movimento sucessivo. E de resto, vimos já que a causa da permanência da unidade corporal apenas pode vir da forma substancial, isto é, da alma.

Além disso o próprio S. Tomás não considera

como uma absoluta necessidade a continuidade entre a matéria assumida na ressurreição e a matéria informada pela alma imediatamente antes da morte.

* * *

Nesta concepção ficam resolvidas as objecções clássicas. Pois, visto que a alma do ressuscitado pode reconstituir o seu próprio corpo, com o auxílio da operação divina, com qualquer matéria

S. Paulo ilustra esta verdade com a analogia da semente:

«Mas, poderá dizer-se, como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltam? Insensato!

Aquilo que tu semeias, não torna a nascer, se primeiro não morre. (I. Cor. 15, 35-36)

S. Paulo considera esta verdade fundamento da catequese:

«... Por isso, deixando de parte o conhecimento elementar de Cristo, elevemo-nos até ao conhecimento perfeito, sem voltar aos pontos fundamentais do arrependimento das obras mortas e da Fé em Deus, da instrução sobre os baptismos e da imposição das mãos, da ressurreição dos mortos e da vida eterno.» (Hb. 6, 12)



prima, — o facto de moléculas que tenham pertencido neste mundo a vários homens não constitui nenhum obstáculo à ressurreição. Assim, por ex.º a objecção dos antropófagos nem se pode fazer: fica a priori eliminada.

Mas surgem novas dificuldades...

Não implicará a própria noção verbal da ressurreição, mais do que a identidade formal do corpo, a própria identidade dos elementos materiais neste mundo informados pela alma?

E, se o corpo ressuscitado não é necessariamente constituído pelos mesmos elementos que o formavam na vida terrestre, porque razão presta a Igreja honras aos corpos dos defuntos? Porque razão são veneradas as relíquias? Qual o motivo da proibição da cremação dos corpos? Finalmente

— objecção não menos importante do que as anteriores — como entender a ressurreição de Cristo, protótipo da nossa?

Responde-se às objecções

1) A própria noção verbal de ressurreição parece exigir, mais do que a identidade formal do corpo, a própria identidade dos elementos materiais neste mundo informados pela alma.

Efectivamente a ressurreição pode entender-se nesse sentido, e esta explicação não a impossibilita.

Nada impede que, em alguns casos, se verifique a identidade, em sentido estrito, no corpo ressuscitado, dos elementos materiais que informavam esse corpo na sua vida terrestre. Isto é, pode haver em alguns casos uma relação de razão mas não uma necessidade absoluta para essa identidade.

«Se os elementos do cadáver... conservam algum sinal de terem pertencido ao corpo vivo daquele que deverá ressuscitar, pensa-se que essa relação da razão, motivará a informação da matéria prima existente nesses restos, de preferência a qualquer outras»... «Mas é apenas uma razão de conveniência e não uma razão de necessidade absoluta» (1).

2) A Igreja presta honras aos corpos dos defuntos.

Ora, as honras fúnebres dirigem-se à pessoa e não aos despojos; é de resto essa a razão pela qual a Igreja também presta honras aos catafalcos. Não há nenhuma relação real entre a alma e determinada matéria que foi outrora informada; pelo menos, não se vê que haja maior relação real entre a alma e as cinzas do cadáver, do que entre a alma e a matéria que no decurso da vida passou pelo corpo, ou que poderia ter passado...

3) A veneração das relíquias

As honras são prestadas à pessoa, não aos restos mortais, mas a relação da razão ainda existente entre estes e a pessoa é suficiente para justificar o culto da Igreja pelas relíquias. As relíquias são, como as imagens, um símbolo e sinal.

É aliás da relatividade das honras à pessoa que deriva a indiferença da Igreja pela veneração das relíquias falsas.

4) A cremação dos cadáveres

A proibição da cremação dos cadáveres constituiu uma reacção contra a sua origem ímpia, e não deriva da convicção de que a ressurreição dos corpos se tornaria impossível por esse facto.

(1) Hugueny, o. c.

5) A ressurreição de Cristo, protótipo da nossa

Em princípio, vimos já que se há uma relação de razão entre o cadáver e a pessoa, não só nada obsta, mas é até congruente que ressurja essa mesma matéria. Isto é, a alma pode também retomar o organismo que deixou.

Porém, a ressurreição de Cristo era também um sinal apologético, e por outro lado, o corpo de de Cristo, permaneceu hipostaticamente unido ao Verbo, portanto numa relação transcendental com a pessoa de Cristo.

Que atitude devemos adoptar?

Não existe nenhuma interpretação expressa, nem do Magistério extraordinário, nem do Magistério ordinário, propondo como revelada uma das concepções acerca da identidade entre o corpo ressuscitado e o corpo possuído neste mundo, — ou condenando como herética alguma delas. Tão pouco existe qualquer decisão doutrinal autoritativa das Congregações Romanas.

Por sua vez os teólogos são unânimes em não apresentar como de fé qualquer das concepções.

Ora, uma vez que nenhuma das concepções é objecto de fé, não se impõe autoritativamente à nossa submissão, visto não ter havido decisão doutrinal oficial, nem se verificar suficiente unanimidade entre os teólogos nem quanto à rejeição de uma delas nem quanto à censura a aplicar, há apenas lugar para adquirir uma certeza científica, ponderando a maior autoridade no assunto, e sobretudo, ponderando as razões alegadas, deduzidas da analogia da fé, das afirmações da escritura, do sentir e pregação da Igreja, e da analogia com as coisas que conhecemos naturalmente.

(Segundo a conferência realizada pelo Rev. P.^o José da Felicidade Alves, subordinada ao título «Creio na ressurreição dos mortos...».)

com quem faremos a unidade



Quando o Papa João XXIII anunciou ao mundo, em 15 de Janeiro de 1959, a intenção de convocar um concílio ecuménico para a unidade da Igreja, por toda a parte se acenderam lumes de esperança. Nem outra coisa era de prever, visto tratar-se de «um acontecimento histórico de primeira grandeza», no dizer de Sua Eminência o Cardeal Montini, Arcebispo de Milão; «acontecimento que será o mais importante de todo o século XX, ou mesmo de vários séculos», como também afirmou o Dr. Charles Malik, até há pouco Presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Contudo, o próximo concílio ecuménico não encontraria a ressonância universal a que vimos assistindo, se não tivesse sido anunciado sob o signo da unidade. Num primeiro tempo, não faltou quem lhe atribuisse como finalidade única o objectivo de reunir numa só Igreja todas as denominações cristãs. Sòmente mais tarde, após reiteradas declarações explícitas do Romano Pontífice, este conceito unilateral cedeu lugar a outro mais amplo e completo que vê no Concílio do Vaticano II um acto solene de vida interna da Igreja Católica, onde, ao lado das questões de fé, de disciplina, de liturgia e de apostolado, não faltarão também os problemas intrincados do regresso a Roma das comunidades cristãs dissidentes. Creio poder afirmar, porém, que a união entre católicos, protestantes e ortodoxos está, no âmbito das preocupações conciliares, mais como finalidade última do que como objectivo imediato.

A unidade teremos de a fazer, em primeiro lugar, connosco mesmos. Na sua forma substancial, ela está já realizada entre os católicos que aderem à rocha de Pedro, seja qual for o algarismo numérico que os conta. Na adesão ao Pontífice Romano e, por ele, a Cristo, reside a unidade da Igreja Católica. Na manhã de Pentecostes, quando um punhado de apóstolos e discípulos se reuniam com Pedro no Cenáculo, a Igreja era fundamentalmente una, como hoje o é espalhada pelas cinco partes do mundo. Mais adiante, voltaremos a este assunto. Por agora, façamos algumas considerações à volta do estado de facto que mantém protestantes e ortodoxos separados de Roma.

1. O TESTAMENTO DE JESUS CRISTO

Jesus Cristo, pouco antes de ser preso, e levado aos tribunais, e condenado à morte, subiu a pequena encosta do Monte das Oliveiras e ali orou a Deus Pai, pedindo-lhe insistentemente que conservasse na unidade os seus apóstolos e todos os que viriam a acreditar n'Ele. Cristo pediu uma unidade profunda — **que todos fossem uma só coisa como Ele era um com o Pai**; uma unidade que fosse sinal do divino — **para que o mundo conheça que Tu me enviaste**; uma unidade que constituísse motivo de adesão ao cristianismo — **para que o mundo creia que Tu me enviaste** (Jo. 17).

Como cumpriram os cristãos este testamento do Senhor? Vejamos.

Hoje — não falemos do passado — a cristandade apresenta-se assim:

Total dos cristãos	994.362.000
Católicos	509.500.000
Protestantes	254.228.000
Orientais separados	169.157.000
Monofisitas	11.335.000
Nestorianos	142.000

Os protestantes ainda se dividem em inúmeras seitas: luteranos, zwinglianos, calvinistas, anglicanos, metodistas, adventistas, baptistas, anabaptistas, valdenses, mormões, quácqueros, pentecostais, adventistas do sétimo dia, testemunhas de Jeová, exército de salvação, etc., etc.

Os ortodoxos ou orientais separados, por sua vez, também se encontram, hoje, separados em duas grandes facções: os que obedecem ao Patriarcado de Moscovo e os que obedecem ao Patriarcado de Constantinopla.

É certo que a eficácia da oração de Jesus Cristo está substancialmente assegurada na unidade da Igreja Católica, mas a actual atomização do cristianismo deve repugnar à plenitude da mente do Salvador.

Não há tempo para fazermos a história das cisões efectuadas ao longo dos séculos. Recordemos, apenas, que os ortodoxos afastaram-se definitivamente de Roma, no séc. XI, quando o cisma se consumou, sob o Patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário. No séc. XVI, outra parte da cristandade foi arrancada ao redil de Pedro, quando Lutero se rebelou e arrastou consigo para o protestantismo as comunidades cristãs do norte e centro da Europa. Nestorianos e monofisitas estão separados desde o séc. V.

2. TENTATIVAS DE UNIÃO

Nunca a Igreja Católica se conformou com semelhante estado de coisas. Pode dizer-se que não houve Sumo Pontífice que não lançasse frequentes apelos, convidando ao regresso à casa paterna aqueles que, um dia, dela se afastaram. Não têm faltado, também, encontros e tratativas entre representantes da Santa Sé e chefes das diversas denominações separadas.

No que respeita aos ortodoxos, houve dois concílios convocados com a finalidade explícita de realizar a união. O primeiro, por Gregório X, no séc. XIII, e reunido em Lião, na França. O segundo, por Eugénio IV, e realizado em Florença, no séc. XV. Diversas circunstâncias de carácter político e psicológico não permitiram que fosse estável a união efémera a que se chegou nestes concílios.

Entretanto, as divisões continuaram, não raro acentuadas por conflitos sangrentos que a história regista e que foram cavando, cada vez mais fundo, o fosso da separação. Os ódios e as guerras religiosas tornaram impossível qualquer tentativa concreta de aproximação entre a Igreja Católica e as igrejas separadas, durante séculos.

No século XIX, registaram-se algumas boas vontades, de escassos resultados, tais como o Movimento de Oxford e as Conferências de Malines.

João XXIII: «A Igreja não é um museu de coisas antigas. É a velha fonte da aldeia que dá água a todas as gerações».

3. A PROCURA DA UNIDADE

Dir-se-ia que foi preciso chegar ao século XX para que os homens reconhecessem o escândalo de cristianismo pulverizado e ouvissem a oração sacerdotal de Jesus.

De facto, em 1910, o bispo protestante das Filipinas, Carlos Brent, lançou o grito de alarme, num congresso missionário efectuado em Edimburgo. Os missionários constatavam quanto era difícil evangelizar os infieis quando, na mesma terra de missão, surgiam diversas igrejas e igrejinhas a pregar um mesmo Cristo. Ali, nasceu o Movimento **Faith and Order** (Fé e Constituição), destinado a promover a unidade dos cristãos no campo doutrinal.

Pouco depois, surgia na Escandinávia outro Movimento, **Life and Work** (Vida e Acção), sob a direcção de Nathan Soderblom, bispo protestante de Upsala. Este, de feição mais pragmatista, procurava a unidade dos cristãos, não já tanto no aspecto doutrinário (difícil de atingir), mas no campo das realizações práticas: luta contra o materialismo e acção social cristã.

Da fusão destes dois Movimentos nasceu, em Amsterdão (1948), o **World Council of the Churches** (Conselho Mundial das Igrejas) a que aderiram quase todas as igrejas protestantes e a ortodoxa. Actualmente, fazem parte do Conselho 163 denominações religiosas.

A Igreja Católica, embora insistentemente convidada, tem-se mantido fora, e continuará a manter-se, embora aprove e louve o trabalho sincero e proficuo que ali se vem realizando por parte dos irmãos separados. Poderá parecer estranha a atitude da Igreja Católica. Devemos, contudo, notar que Roma não poderá aderir ao Conselho, sem se negar a si mesma. Aliás, os nossos irmãos separados começaram a aceitar e compreender tal atitude que, a princípio, lhes parecia egoísta e mesquinha. Óscar Cullmann, um dos melhores teólogos protestantes da actualidade, escreveu ainda há pouco: «A Igreja Católica Romana deixaria de ser a Igreja Católica Romana e o Papa deixaria de ser Papa, se alguma vez se sentasse, à mesa redonda e em pé de igualdade, com um Patriarca do Oriente, ou com o Arcebispo de Cantuária, o Pastor Boegner ou o Bispo Dibelius».

A actividade das igrejas que aderiram ao Conselho destina-se a procurar a unidade, a descobrir qual a verdadeira Igreja de Cristo. Ora, a Igreja de Roma tem consciência de ser ela mesma essa verdadeira Igreja de Cristo. Não pode, pois, meter-se a caminho, fingir que procura, buscando-se a si mesma. Seria uma posição falsa, contrária aos seus princípios de verdade eterna.

As grandes assembleias do Conselho Mundial, reunidas periódicamente, a Igreja Católica tem enviado observadores. Assim, por exemplo, em Lund (1952) e, nos



Pontifical de rito bizantino

últimos dias de Agosto findo, em St. Andrew, na Escócia. De passagem por esta pequenina cidade, situada ao norte de Edimburgo, pude conversar com um dos dois observadores católicos presentes que me disse ter notado, nesta assembleia, uma vontade decidida de realizar a unidade, ainda que para tanto seja necessário tomar o caminho de regresso a Roma.

4. O CONCÍLIO E A UNIDADE

Não sabemos, se essa hora está para breve ou se demorará ainda dezenas de anos. Sabemos, isso sim, que por toda a parte há boa vontade. Mas também não ignoramos que os pontos de divergência entre católicos, protestantes e ortodoxos, são ainda numerosos e importantes. Em questões fundamentais de fé, a Igreja Católica não pode transigir e, conseqüentemente, a união só poderá fazer-se mediante o regresso das comunidades separadas. Tal regresso implica sacrificio de opiniões particulares que, algumas vezes, constituem a fisionomia espiritual das comunidades que as perfilham. Será, pois, um sacrificio duro, mas redentor.

Talvez não seja ainda o Concílio Vaticano II a realizar imediatamente a unidade. O concílio aplanará o caminho e apresentará, sem dúvida, aos olhos de todos os nossos irmãos uma Igreja mais pura, mais santa, sem ruga e sem mancha; apresentar-lhes-á a Igreja de Cristo em toda a sua candura original. Certamente, isso há-de impressioná-los e não deixarão de perguntar quem é aquela que, à semelhança da Esposa dos Cantares, «desponta como a aurora, bela como a Lua, fúlgida como o Sol, majestosa como um exército ordenado para a batalha» (Cant. 6, 10).

Voltando, pois, ao pensamento acima enunciado, direi ser esta a **primeira unidade** a que todos os católicos são chamados, numa mobilização geral para o concílio da unidade. Nem a todos compete abrir diálogo com protestantes ou ortodoxos; mas nenhum escapa à obrigação premente de incarnar em si o mistério da Igreja para o viver na plenitude da unidade com Cristo. Parece, até, ser esta a condição indispensável que de nós, católicos, exigem os nossos irmãos separados. Na literatura unionista, há uma carta de rara beleza, escrita por John Dobrée, amigo de Newman, a um grupo de monges que, no século XIX, trabalhava pela conversão da Inglaterra:

«Que os católicos romanos se esforcem por nos mostrar aquilo que não vemos, isto é, a imagem de uma Igreja perfeita na disciplina e nos costumes; que seja casta e bela como deve ser a Esposa Divina de Jesus Cristo; que, dia e noite, cante os louvores do Senhor; que os seus vestidos resplandeçam de modo a fazer ajoelhar o espectador, ao ver nela a predilecta do Rei dos Céus.

«Que os católicos romanos venham pregar o Evangelho às turbas semi-pagãs das nossas grandes cidades; que caminhem a pés nus e vestidos de saco; que levem a mortificação esculpida na face; que, entre eles, haja um santo como o Seráfico de Assis e o coração da Inglaterra deixar-se-á conquistar».

P.º Dr. ANTÓNIO RIBEIRO



informação religiosa : REVISTAS

Pretendeu a «Presença», ao publicar o artigo saído no último número com o título «Informação, formação e transformação», chamar a atenção das suas leitoras para os problemas que condicionam a promoção da «opinião».

Exige-se das universitárias católicas um esforço perseverante para obter uma verdadeira mentalidade católica, capaz de englobar todos os valores universitários e interesses pessoais numa concepção unificada da existência. É nesse sentido, que a «Presença» publica, hoje, uma lista de revistas de orientação católica que canalizará, porventura, esse esforço pessoal tantas vezes disperso.

Esta lista, no entanto, por falta de espaço e de informação, não é, de modo nenhum, exaustiva. Apenas se enumeram alguns títulos sobre um número restrito de assuntos, dando algumas indicações suplementares. Deve, ainda, acrescentar-se que as publicações enumeradas à excepção das portuguesas, são quase todas de língua francesa, não só por ser essa a de mais fácil acesso, como também por se nos ter oferecido a possibilidade de consultar para essas um índice alfabético completo.



BÍBLIA

Cadernos bíblicos, col. Evangelho

- ed. pelos dominicanos, tradução do francês; 5 números por ano. Publicação que ajuda a conhecer e a aprofundar a Palavra de Deus e a esclarecer muitos problemas.

Col. Bíblia e Liturgia

- dirigida pelo Rev. P.^o Dr. Gustavo de Almeida.

Témoins de Dieu

Lectio Divina

- duas colecções de vulgarização bíblica, editadas por «Le Cerf»

Revue Biblique

- ed. pelos dominicanos franceses da Escola Bíblica de Jerusalém; 4 números por ano.

CATEQUESE

Lumen Vitae

- ed. pelo Centro Internacional de Estudos de Formação Religiosa (Bruxelas); revista mensal.

Vérité et Vie

- fichas de pedagogia religiosa; publicação trimestral.

CULTURA

Brotéria

- revista editada pelos Jesuítas portugueses, mensalmente. Contém artigos sobre os vários ramos da cultura.

Revista Portuguesa de Filosofia

- órgão do movimento filosófico português e internacional, publicado pela Faculdade de Filosofia de Braga.

Études

- revista de cultura geral, dirigida pelos jesuítas franceses.

Civiltá Cattolica

- revista de cultura dos jesuítas italianos. Traduz o pensamento e orientação da Santa Sé, nas questões internacionais, embora em forma não oficial.

Esprit

- revista mensal fundada por Emmanuel Mounier.

Apresenta uma visão cristã, embora com aspectos muito discutíveis, dos vários problemas de ordem temporal (política, histórica, etc.).

ECUMENISMO

Irenikon

- revista trimestral, dirigida pelo Rev. P.^o Rousseau (Bélgica). Estuda a doutrina e a vida das Igrejas e confissões não-católicas e o problema geral da unidade delas com o Catolicismo.

Istina

- revista trimestral dirigida pelos dominicanos franceses

Unitas

- revista italiana, com a colaboração dos padres assumpcionistas

FAMÍLIA

L'Anneau d'Or

- revista dirigida pelo P.^o Caffarel, sobre problemas de espiritualidade conjugal; 6 números por ano, um

dos quais é dedicado a um só assunto.

Feuilles Familiales

- publicação belga dirigida pelo Rev. Con. Locht.

Foyers

- revista de pastoral familiar dirigida pelo Rev. Con. Viollet.

INFORMAÇÃO, DOCUMENTOS E PROBLEMAS ACTUAIS

Seleção Documental

- publicação bimestral da União Gráfica, contendo todos os documentos mais importantes saídos nesse período (Hierarquia, Governo, etc.).

La Documentation Catholique

- revista quinzenal, contendo os documentos mais significativos para a vida da Igreja.

Informations Catholiques Internationales

- revista quinzenal de informação, nela se encontram todas as notícias que de mais perto dizem respeito ao catolicismo, embora certas informações internacionais devam sujeitar-se a caução.

Ecclesia

- revista dirigida por Daniel-Rops, de cultura e informação católicas, geralmente seguras.

LITURGIA

Ora et Labora

- revista litúrgica do mosteiro beneditino de Singeverga.

Fêtes et Saisons

- entre outros números dedicados a vários assuntos, possui álbuns litúrgicos.

Etudes liturgiques L'Esprit Liturgique

- duas colecções de edições de «Le Cerf»: a primeira de carácter científico e a segunda mais acessível.

La Maison-Dieu

- revista trimestral de pastoral litúrgica; cada número é consagrado a um assunto determinado.

Notes de Pastorale Liturgique

- publicação trimestral, de carácter concreto e prático.

MISSIONAÇÃO

Portugal em África

- revista publicada pelos P.^{os} do Espírito Santo.

Volumus

- revista sobre problemas missionários editada pelos P.^{os} missionários de Cucujães.

Église Vivante

- revista belga; 6 fascículos por ano.

Missi

- revista missionária francesa de grande actualidade internacional.

Parole et Mission

- revista trimestral francesa sobre problemas de missão.

Présence Africaine

- revista bimensal; ocupa-se de diversos problemas da cultura africana moderna.

PROBLEMAS SOCIAIS E ECONÓMICOS

Économie et Humanisme

- revista dirigida por dominicanos franceses; 6 números por ano e 2 números especiais.

Revue de l'Action Populaire

- publica 10 números por ano, dirigida por sociólogos franceses jesuítas, ocupa-se do estudo do pensamento e acção social católicos da actualidade.

Cahiers d'Action Religieuse et Sociale

- publicação bi-mensal francesa

SOCIOLOGIA E PASTORAL

Boletim de Informação Pastoral

- publicado pelo Secretariado de Informação Religiosa; 5 números por ano. A revista portuguesa que se ocupa de problemas de sociologia e pastoral.

Lettera di Sociologia Religiosa Sociologia Religiosa

- as duas principais revistas italianas de sociologia religiosa.

TEOLOGIA

Nouvelle Revue Théologique

- revista mensal publicada pelo Colégio Filosófico e Teológico dos Jesuítas belgas (Lovaina).

BERTINA SILVA ARAÚJO



autor de hoje

Julien Green

Há muito que os romancistas católicos se recusam a contar histórias edificantes cujos protagonistas transpirem virtude e atravessem incólumes e intangíveis a sordidez do mundo que os rodeia. Na esteira — boa ou má? — de um Gide diabólico que não concebia a coexistência da boa literatura e dos bons sentimentos, abalanzaram-se a revelar o drama do Homem partilhado entre o Pecado e as solicitações da graça. E, na posse de um tema tão velho como o próprio Homem e cuja autenticidade todos podemos comprovar pela triste experiência pessoal, trouxeram para os seus livros esse Homem menos vitorioso que derrotado, porque deixou de lhe interessar o moralismo fácil que reduzira alguns escritores da geração precedente.

É assim que no-lo mostram F. Mauriac e Graham Green, tal como Julien Green, autor americano de formação francesa, convertido ao catolicismo em 1939.

São muitos os romances de Julien Green: «Mont Cinère», «Adrienne Mesurat», «Léviathan», «Varouna», «Minuit», «L'Autre Sommeil», «Le Malfaiteur», «Le Visionaire», e «Moirá», este certamente o mais conhecido. Nas páginas de todos eles, paira, como fantasma obsidiante, o mistério do Invisível.

Na primeira fase da sua obra, J. Green, tendo perdido a fé católica, mostra que não perdeu, contudo, esse sentimento quase palpável do sobrenatural. Por isso, em alguns dos seus romances, a que é possível chamar «romances negros», há sempre presenças misteriosas, apelos a um mundo escondido nos olhos mortos, promissor de felicidade e repouso. Morte? Nirvana budista? Bem-aventurança? O autor não o concretiza; deixa ao leitor a liberdade de lhe pôr o nome que a sua formação espiritual lhe sugerir.

Seres trágicamente humanos pelas suas lutas desesperadas contra a carne, as personagens criadas por Julien Green movem-se, contudo, numa espécie de sonambulismo, vizinho já de uma outra vida que as solicita. E se, por vezes, a crueza dos temas (obsessão ou inversão sexual em «Moirá» e em «L'Autre Sommeil») nos parece demasiado insistente, é possível encontrar neles uma intenção: o simbolismo da morte que marca o mundo da paixão e do amor maldito.

É curioso notar que Julien Green (ele próprio o diz no «Diário») concluiu algumas das suas obras após a conversão. Estão, neste caso, «Varouna» e «Le Malfaiteur», onde procurou dar uma solução cristã à

inspiração que os ditara. Assim, no primeiro, a doutrina da metempsicose, que o apaixonara por volta de 1934, transfigura-se no dogma da Comunhão dos Santos; no segundo, o amor carnal impossível sublima-se no amor divino. Mas, apesar das boas intenções do autor, não poderemos considerá-lo isento de perigos, dada a extrema complexidade das suas personagens que, roçando frequentemente pela anormalidade, são fascinadas pela atração da morte de modo quase irremediável.

Pelo estilo, Julien Green é ele próprio fascinante; sabe prender a atenção do leitor tanto pela análise interior, como pelo recorte das personagens e pelo «suspense» das situações. O terror nocturno de uma crian-

ça de 11 anos, em «Minuit» por exemplo, é-nos dado com o realismo de um perfeito conhecedor da psicologia infantil; certas figuras grotescas têm o traço irónico de uma gravura de Hogarth ou lembram a pena caricatural de Dickens; enquanto que a arte com que nos faz ouvir o silêncio calafetado da vida provinciana francesa, nos leva instintivamente a pensar numa certa influência balzaquiana.

Isto não significará, porém, negar-lhe originalidade, porque nenhum clássico o foi por geração espontânea, mas porque soube entender a lição dos que o precederam, e Julien Green, pode dizer-se, é já um clássico.

Maria Isabel Mendonça Soares

3 mai. — Je ne sais si j'ose écrire ce que je pense. Si, pourtant. Je crois qu'au sein même du péché, Dieu veille sur nous d'une façon extraordinairement attentive comme sur une proie, mais non comme les livres édifians ont coutume de le dire. Tirez l'écrivain de son péché et il n'écrit plus. C'est là, j'en conviens, quelque chose d'horrible à formuler. Le péché est-il nécessaire à l'œuvre? Qui osera dire cela? Mais ôtez le péché et vous ôtez l'œuvre. L'œuvre est-elle nécessaire? Autant demander si l'écrivain est nécessaire. Il l'est dans la mesure où Dieu a voulu qu'il existât. Purifier la source? Mais il n'apparaît pas d'une façon évidente que les écrivains qui essaient de faire cela y aient réussi et que leur œuvre en ait bénéficié. Il faut être pur à l'origine et le rester. Ce fut le cas de Bernanos. Je ne sais si les écrivains catholiques d'aujourd'hui sont purs. Il y a des moments où j'en doute, mais je sais que je ne le suis pas et toutes mes difficultés viennent de là. Je puis me retirer du monde, comme j'en ai été si souvent tenté, mais alors, plus d'œuvres. Or, je crois que je suis au monde pour écrire et pour atteindre quelques personnes.

13 décembre. — Que craignons-nous? La guerre? La mort? Mais si nous avons Dieu, nous avons tout et ces craintes s'évanouissent. Dieu, c'est la paix à jamais, la paix avec soi-même (et la guerre avec le monde, mais dans cette guerre-là, il y a malgré tout la paix, une paix profonde que le monde ne peut nous ôter et qui est, je pense, une ombre de la béatitude sans fin). Le Paradis commence bien avant la mort. Beaucoup d'entre nous ont senti cela. Il y a cette présence incompréhensible qui anéantit d'un coup le faux, le décor. Étrange et profonde émotion, mais ayant écrit ces lignes, j'ai l'impression de n'avoir rien dit. Les mots sont de misérables infirmes, des bègues qui essaient de parler. A quoi bon les mettre à la torture, leur donner la question? Quel sens tout cela peut-il avoir? J'écris cette page dans le silence de la bibliothèque. Si l'on pouvait passer une journée seulement sans péché... Dieu se glisse parmi nous, et la mort, sa servante.

JULIEN GREEN, in
«Journal»



«O que é a história? É basear-se em trabalhos profanos, para conseguir pouco a pouco resolver o mistério da morte e ultrapassá-lo no futuro. É por isso que se descobre o infinito matemático e as ondas electromagnéticas; é por isso também que se escrevem sinfonias. Mas é impossível progredir nesta direcção sem um certo impulso. Para fazer descobertas deste género, é necessário todo um instrumental da ordem do espírito, e neste sentido, os dados encontram-se já todos no Evangelho. Ei-los.

Em primeiro lugar o amor do próximo... Depois as razões essenciais do homem de hoje, sem as quais o próprio homem é impensável, isto é o ideal da personalidade livre e da vida concebida como sacrifício.

É preciso compreender que a nossa época actual é ainda extremamente nova. Os Antigos não tinham história neste sentido...

Só depois de Cristo, os séculos e as gerações respiraram livremente. Só depois d'Ele, começou a vida para a posteridade, e o homem já não morre pelo caminho, sob uma muralha, mas na sua própria casa, na história, no cume de uma actividade despendida para ultrapassar a morte.»

BORIS PASTERNAK

(in «Dr. Jivago»)



Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro

Composto e impresso na Tipografia Cardim — Cascais